



Antenor Demeterco Jr.

**Nada mais
que a verdade**

Se você se liga à gengibirra Zanier, se é capaz de associá-la a uma boa parte da história da Curitiba do século 20, parabéns. Passou numa das etapas do teste que vai identificá-lo ou não como legítima alma curitibana tradicional.

A outra pode envolver, por exemplo, a identificação do nome Demeterco que, por gerações, a cidade viu associado ao comércio, até chegar aos supermercados, com passagem pela casa de ferragens na Tiradentes.

Claro que há outros marcos reguladores desse estado de alma que associa nomes, situações, endereços, tipos folclóricos, marcas comerciais, logradouros públicos, usos e costumes à Capital do Paraná e à sua gente.

Teste elástico

Certamente que o teste pode ser elástico, chamando à avaliação, ainda, os Móveis Cimo, as geladeiras Prosdócimo, a Gasosa Cini, a Siderúrgica Irmãos Muller (onde hoje está o shopping Muller), o Louvre, rei das sedas, os Móveis Ritzmann, Pianos Essenfelder, as lojas Hermes Macedo e Prosdócimo (com os papais noéis descendo de helicóptero...), as casas Roskamp, Esmalte, Vermelha, Londres, Ferragens Hauer, Confeitarias Schaffer, das Famílias, Berberi, as rádios B2 e Guairacá, o tanque do Bacacherí, a Joelena, de roupas infantis e a primitiva Maison Blanche, também vestindo as crianças... o Grande Hotel Moderno (com sua prataria e piano de cauda ativíssimo nos jantares), o Lord Hotel (de Miguel Caluf), o Colégio Parthenon, na rua Comendador Araújo, e o Colégio Iguaçu, comandado por dona Isabel Parodi, na Praça Rui Barbosa, o Asilo São Luiz (então na Praça Rui Barbosa), a Maria do Cavaquinho, a mendiga folclórica que foi parte essencial de uma paisagem humana em que os moradores de rua ainda não existiam.

Zanier e Demeterco – de origens italiana e ucraniana – estão nas raízes de Antenor Demeterco Junior, neto de Ludovico Zanier, o notável empreendedor que infundiu na alma curitibana um “sabor de infância permanente”, com a gengibirra, como me lembrou muitas vezes um dos grandes memorialistas de Curitiba, o jor-

Antenor Demeterco Jr.

nalista João De Deus Freitas Neto.

O avô paterno de Antenor, Pedro Demeterco, outro propulsor da vida empresarial de Curitiba, é das mais sólidas referências da cidade quando se examina sua história do comércio, toda pontuada de atos quase heróicos.

Foram dois bem sucedidos e ricos homens da indústria e comércio.

Dois gigantes

O menino Antenor não passou “impune” pela quase onipresença desses dois gigantes na sua vida e na de Curitiba. Deles recolheu momentos que levou para a o dia a dia do magistrado e também intelectual, homem de espírito inquieto, cujo fâcies espiritual jamais se contentou em ser mero leitor. Especialmente de temas da História universal, em que foi se aprofundando. A tal ponto que apostarei sempre nele, em qualquer concurso – até os do tipo “Céu é o Limite” – sobre a História da II Guerra Mundial. Será, não tenho dúvidas,

uma “poule” de dez, vencedor sempre.

Procure-se a criança para entender o adulto, sugere o adágio. Em Antenor, a criança se criou num mundo de proteções e seguranças, coisas básicas: a família sólida, o catolicismo que só afirmava certezas eternas, os educadores que passavam o melhor da pedagogia gerada pela educação marista, a atmosfera de equilíbrio de uma sociedade de poucos desequilíbrios, então.

O espírito reconhecidamente independente de Antenor Demeterco Junior levou-o à magistratura, numa ampla carreira, onde, garante, as promoções foram sempre por antiguidade: nunca trabalhou promoções nem cortejou simpatias no judiciário, ufana-se. Embora, tenho certeza, seja muito benquisto e acatado no meio.

Em Antenor me chamam atenção algumas peculiaridades: suas sentenças, que, me afixam advogados, atentos avaliadores do mundo jurídico, “são exemplos de clareza e capacidade de síntese”.



Dois momentos da infância



Casamento do Antonio Claudio 2010.

Para chegar a isso, Antenor explica, apenas: “Quem lê bastante, raciocina bem e escreve bem”; também a facilidade com que recorre, de memória, à jurisprudência do STF, é outro diferencial de Antenor, opina um juiz aposentado, professor em Curso de Direito. Nesse capítulo, Demeterco sai-se liminarmente com esta resposta: “Minha melhor escola foram as jurisprudências do Supremo, que fui conhecendo e absorvendo através da Revista Trimestral de Jurisprudência”, diz. E, claro, a continuada leitura de luminares essenciais do mundo do Direito.

Erros grosseiros

A mim mais me impressiona ainda – e muito – a facilidade com que o personagem se inquieta diante de erros grosseiros cometidos por historiadores, escritores, acadêmicos, jornalistas, editores de jornais, revistas e livros. Essas anomalias, boa parte delas concen-

tradas em temas históricos, despertam uma espécie de ira santa naquele que tem amplo domínio da História dos séculos 19 e 20.

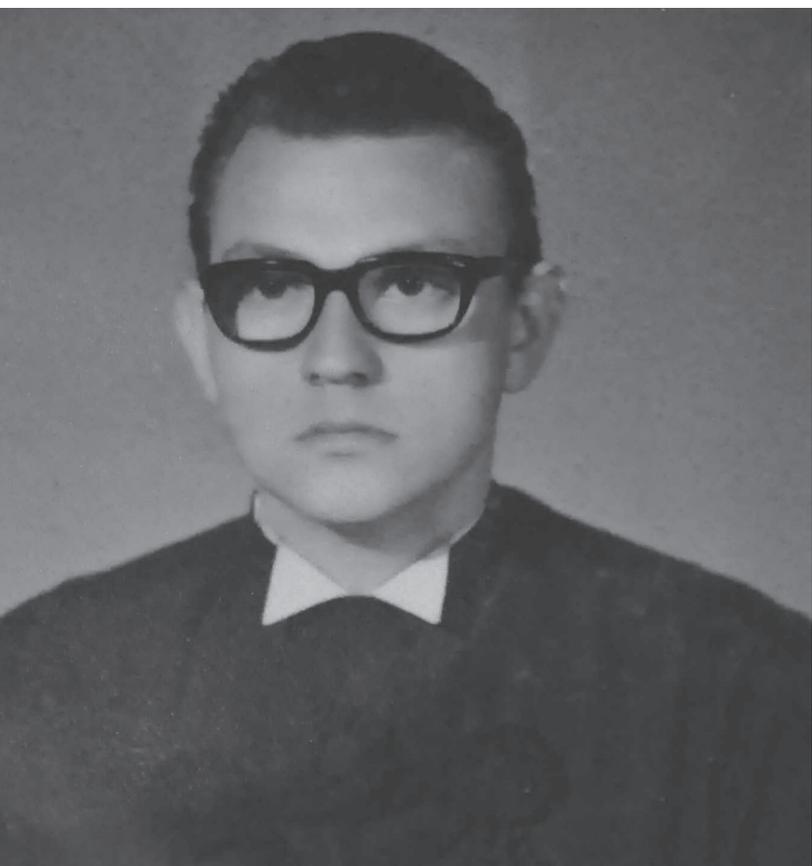
Diante do besteiro, habitualmente seguem cartas, correspondências em número impressionante, algumas das quais registrei em minha coluna do Jornal Indústria & Comércio, em 2012, e com as quais Antenor quer, tão somente, a reposição da verdade.

No começo de janeiro de 2013 – citando apenas um exemplo –, Antenor transbordava indagações, em correspondência ao autor de um dos best sellers da temporada, o livro “Marighella”.



*Primeira comunhão,
Colegio Santa Maria,
novembro 1953.*

*Abaixo: Formatura
na Faculdade
de Direito da
Universidade Federal
do Paraná.*



*Com a mulher,
no dia do casamento
e em foto recente
(à direita)*

Em tom de incredulidade e, ao mesmo tempo, de admoestação, questionava o autor, Mário Magalhães, sobre como e porque ele acatara a versão de que o então procuradíssimo revolucionário fora apanhado desarmado. “É incrível que o elemento mais perseguido do Brasil naquele momento andasse desarmado”, exclama esse revisor de histórias e de registros históricos ou com pretensões a sê-los.

Acho que a quantidade de erros apontados por esse devorador da História dos séculos 19 e 20, identificados em livros, jornais e revistas é que fez com que os destinatários se retraíssem: hoje poucas cartas de Antenor são acatadas. Publicá-las, tudo indica, seria expor a falta de credibilidade crescente de fontes de informação, de escritores, certos jornalistas e produtores culturais de toda sorte.

Claro que houve exceção. Uma delas, o sociólogo Demétrio Magnoli, da Folha de São Paulo, que não só aceitou a “correção oportuna” do pesquisador e ma-

gistrado curitibano, como prometeu apresentar uma segunda edição do livro questionado com todas as correções de falhas apontadas.

Demeterco não desiste, pelo contrário: prepara um alentado estudo sobre uma das falsificações bibliográficas mais retumbantes dos dias atuais. Há quem garanta que ele está chegando ao autor ou autores de “Protocolos dos Sábios de Sião”, o mais consumado exemplo de antissemitismo resumido num livro. O que se pode adiantar, tão somente, é que Antenor está no encaixe de Joseph Maistre, diplomata da corte de São Petersburgo, um maçom-católico que aceitou entre seus discípulos um exímio falsificador.

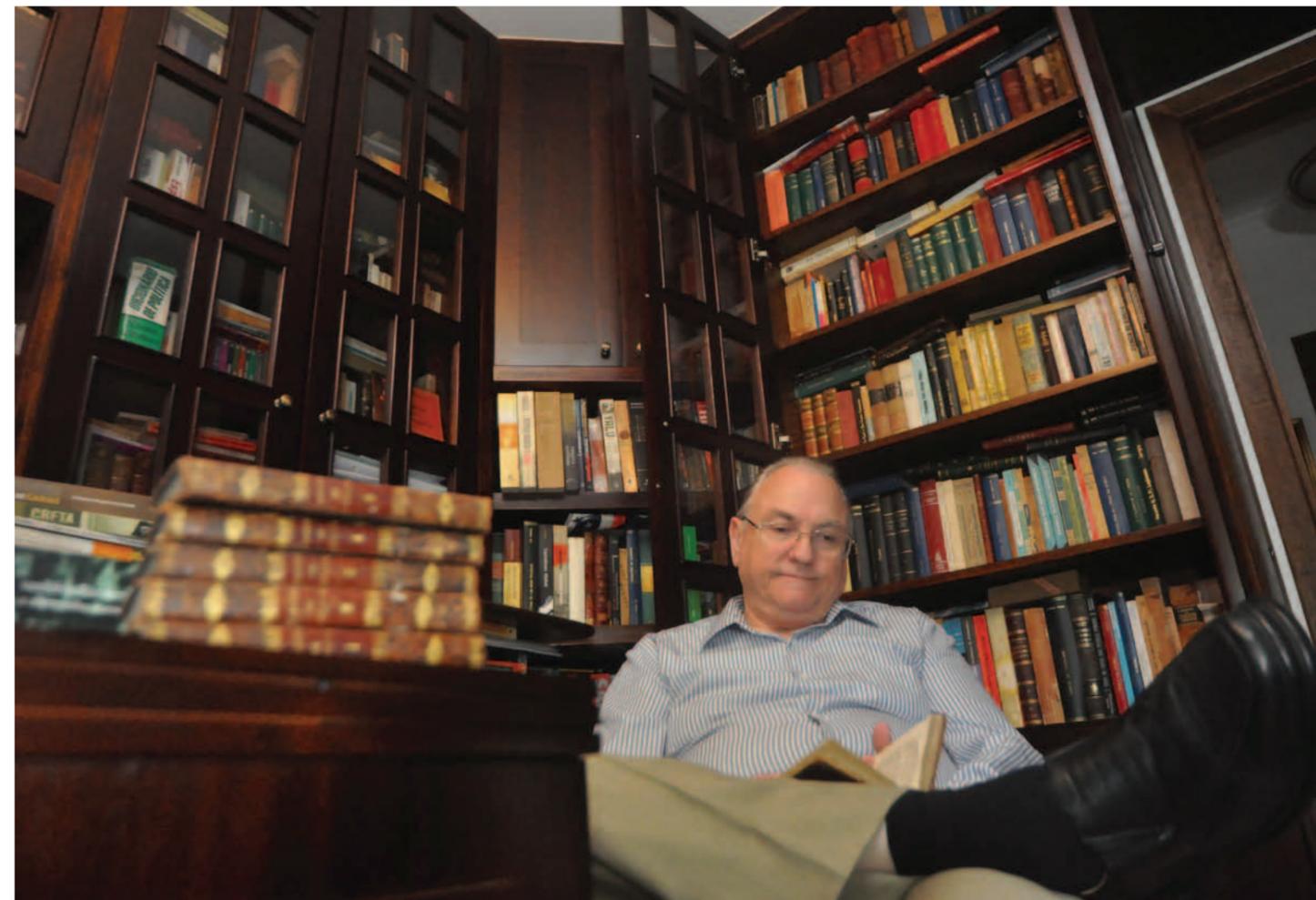
Este – ainda sem nome – seria o artífice da retumbante farsa.

Nesse projeto, em nome da verdade, “apenas a verdade”, Antenor promete ir até o fim e muito a fundo da História.



Instalacao do juizado especial Loanda-PR, 1984.

Abaixo: Des. Henrique Lens Cezar, pres. do Tribunal Justiça do PR (esq.) e Demeterco (juiz da 6 vara civil e diretor do forum civil da capital).



ROTEIRO DE VIDA

Antenor Demeterco Jr Uma vida na retidão do Direito

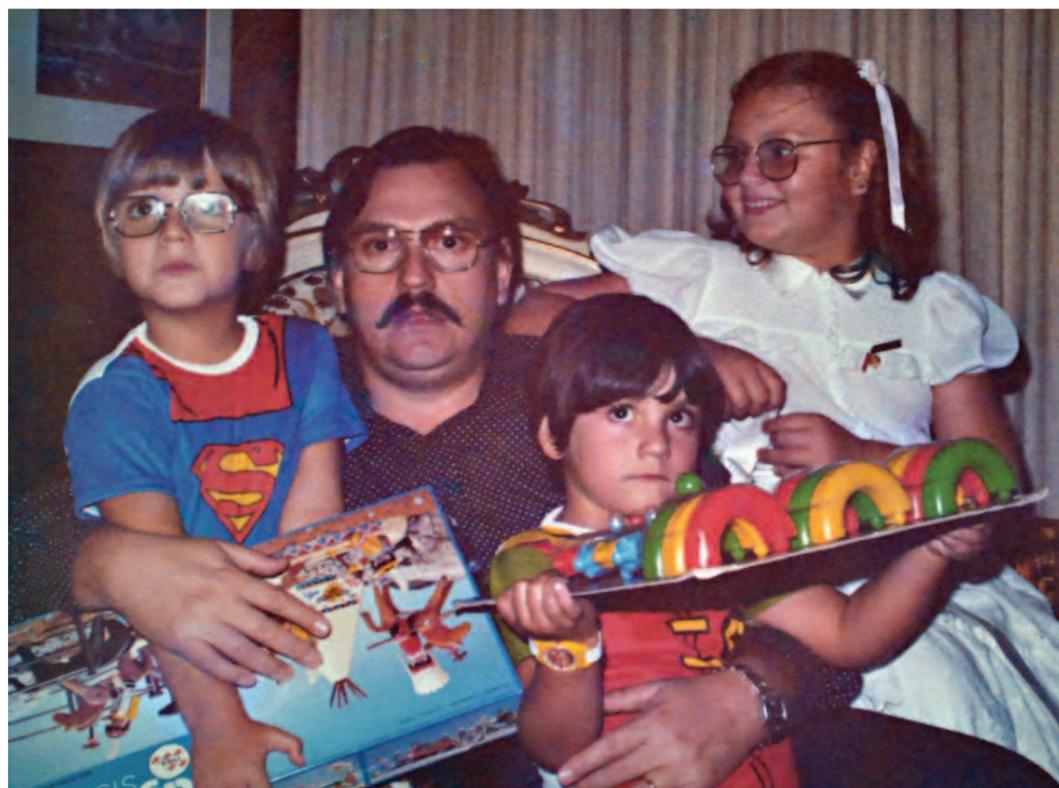
Curitibano do coração da cidade: é assim que se define o desembargador Antenor Demeterco Jr., nascido em 31 de maio de 1944, alguns anos antes dos últimos tiros da Segunda Grande Guerra. Um de seus avôs morava na Praça Tiradentes; outro, na Praça 19 de Dezembro. E ele próprio nasceu na Praça do Bom Jesus. Toda sua família agrupava-se no centro da capital. Seu pai era comerciante, filho de comerciante de se-

cos e molhados. Seu avô paterno, Pedro Demeterco, era homem de grande tino empresarial e passou incólume pela crise de 1929. Sua mãe, Lúcia Zanier Demeterco, era filha de Ludovico Zanier, proprietário da então famosa gasosa Zanier, que desapareceu com o seu falecimento.

Na pequena Curitiba da primeira metade do século 20, o futuro desembargador teve uma infância tranquila. Foi formado na pedagogia dos Irmãos Maristas, primeiro no Colégio Santa Maria e depois no Internato Paranaense, cuja disciplina, assegura ele, era “mais severa do que a do Exército”.

Das aventuras infantis, gosta de contar a “caçada” que fez, quando tinha dez anos, no Passeio Público a um macaco que fugira da jaula. Sua tentativa de cap-

Natal com filhos,
Antenor 4 anos,
Antonio Claudio 3
anos e Ana Luiza 8
anos.



Abaixo: 2 primeiros
netos, Ana Catharina
e Antenor Augusto.



turar o bicho quase deu certo: foi frustrada por uma mordida com a qual o macaco conseguiu desvencilhar-se, deixando a marca dos dentes no braço do menino e uma história para contar da caçada mal sucedida em pleno centro de Curitiba.

Terminado o ginásio, ingressou no curso de Direito da Universidade Federal do Paraná, em 1963. Advogou menos de dois anos, pois logo prestou concurso, em 1970, e tornou-se juiz substituto. Seu primeiro destino na itinerância típica do cargo foi Santo Antônio da Platina.

Família

Casado com Maria Cândida de Figueiredo Demeterco, teve três filhos: Ana Lucia (casada, deu-lhe três netos: Ana Catharina e os gêmeos Frederico e Lorenzo), Antenor Neto (pai de Antenor Augusto e Vitória) e Antônio Cláudio (pai de Maria Alice). Todos os filhos foram concebidos fora de Curitiba, mas a mãe sempre vinha dar-lhes à luz na capital. Hoje, trabalham juntos

no escritório de Figueiredo Demeterco Advogados Associados. Nenhum deles quis ser juiz, porque, segundo Antenor, viram de perto como é difícil a carreira. Na formação de seus filhos, a esposa teve importância fundamental, graças a sua experiência como professora, profissão que abandonou para cuidar da educação dos filhos.

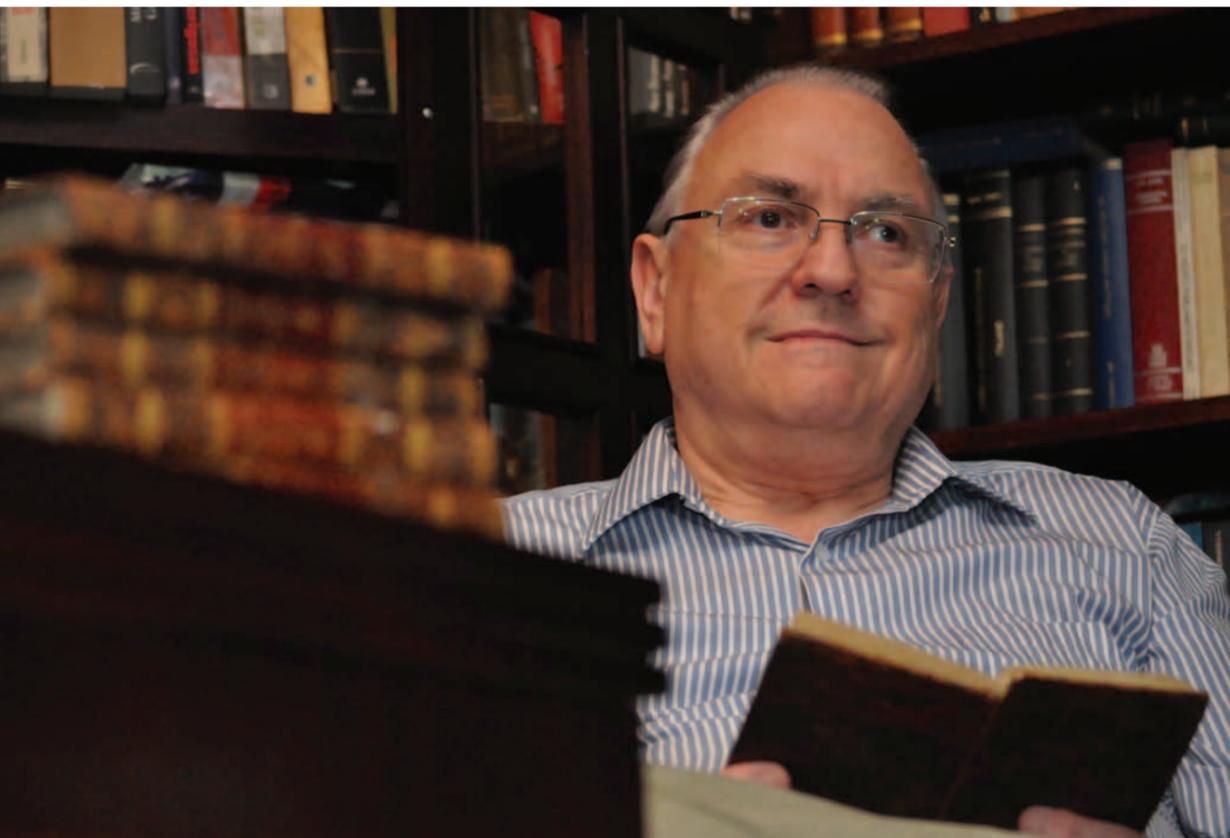
Das andanças pelo interior do Paraná, Antenor Demeterco guarda histórias de enfrenta-mentos típicos de “faroeste”, como no caso de seu envolvimento, na qualidade de juiz, com julga-mentos de invasores de terras na comarca de União da Vitória. Na década de 1970, conta ele, havia uma verdadeira guerra do pinheiro: lutava-se pela posse dos pinheirais. Havia grupos que entravam à noite na mata, com motosserras, derubavam as árvores de madeira preciosa e as levavam, numa rápida ação criminosa que se assemelhava a uma operação de guerra.

E, por falar em guerra, o gosto do desembargador

pela história da Segunda Guerra Mundial nasceu-lhe na alma muito cedo. Vem desde uma das pouquíssimas lembranças de sua primeira infância: costumava ir com o avô Ludovico Zanier a Matinhos, numa época em que ainda cobriam as janelas com papéis pretos, por receio dos submarinos alemães. Seu avô, aliás, foi um dos primeiros curitibanos a se interessar por Matinhos. Além de haver nascido perto do final da Segunda Guerra, seu pai nascera em 1914, ano de início da Primeira Guerra Mundial. As duas gerações da família foram influenciadas pelos canhões da guerra. Soma-se a isso o fato de seu avô Pedro Demeterco provir de um país mártir, a Ucrânia, que ao longo de sua história foi dominada por alemães, poloneses e russos, sofrendo nas mãos dos homens do kaiser, de Hitler, do tzar, dos poloneses e de Stálin, o mais terrível de todos. Seu irmão Pedro foi o primeiro da família a visitar a Ucrânia e não encontrou parentes, possivelmente exterminados na guerra ou na grande fome stalinista.

Disney,
no final
de 2009





??? o texto fala dos livros que estão sobre a escrevaninha...???

Leituras

Seu interesse pela História, no entanto, não se restringe às guerras. É um curioso em relação a qualquer fato interessante sobre o passado da civilização. Graças a isso, cultivou uma biblioteca relativamente ampla para um particular. Tanto que, conta sorrindo, sua esposa o proibiu de levar mais livros para casa. Seu principal lazer é a leitura, quase exclusivamente sobre história. Entre seus livros, tem orgulho de contar com um exemplar de 1804 da obra “As viagens de Antenor”, cujo texto foi encontrado, segundo relata, por um religioso nas ruínas de Pompeia. Entretanto, esclarece que a origem familiar do nome não está diretamente relacionada ao viajante da Antiguidade: foi escolha de sua avó paterna, que com ele batizou o filho por gostar do nome.

Ideologicamente, Demeterco, diplomaticamente, declara-se “neutro”. Ele justifica: “As ideologias motivaram o maior número de assassinatos da histó-

ria humana. Não se pode conformar o comportamento humano com as ideias de algum homem de gabinete.” Entretanto, ele procura conhecer todas as ideologias. Garante já ter lido os ocultistas franceses, os kardecistas, os livros de Karl Marx e até “Minha luta”, de Adolf Hitler – sem, entretanto, aderir a qualquer dessas ideias. Quanto à religião, declara-se católico tradicional não praticante, deplorando o fato de a Igreja estar hoje muito desprestigiada. Define-se como um liberal.

No que diz respeito ao Direito, afirma não seguir uma corrente filosófico-jurídica específica além daquela consubstanciada na máxima: “Dê-me o fato que lhe dou o direito” – tendendo, portanto, a uma posição mais positivista. Nessa linha, coloca-se como contrário ao chamado “direito alternativo”, alegando que “ou o Judiciário se fundamenta na lei ou não se fundamenta em nada, o que resultaria no arbítrio do juiz; não há como fugir à força da lei”.

Aniversário de 59 anos.

Abaixo: com os cachorros na chácara, day e night.



Mensalão

Como membro do Judiciário, Demeterco acredita que o julgamento do “Mensalão” foi um marco. Considera que o ministro Joaquim Barbosa “foi de uma eficiência extraordinária – sem ele, não haveria essas condenações. Ele foi brilhante quando dividiu por setores as safadezas, não permitiu que se tumultuasse o processo”.

O desembargador ressalta, entretanto, que esse novo padrão criado pelo julgamento do STF pode ficar como uma exceção, “porque a corrupção é muito difundida, e a certeza da impunidade no Brasil, desgraçadamente, é uma orientação, é a cultura nacional, vem da colonização”. Ele critica as homenagens feitas aos condenados, chamando-as de “solidariedade no crime”.

Sobre a situação atual do Judiciário brasileiro, Demeterco diz que os problemas são conhecidos de todos, mas as soluções, ainda não... E aponta como problema fundamental a questão do ingresso do juiz na carreira. “O juiz deve necessariamente fazer parte de uma elite moral, com o preparo intelectual e técnico necessário”, alega, advertindo que os juízes são inte-

*Juiz membro do
Tribunal Regional
Eleitoral PR,
março 1998.*



grantes da sociedade e, portanto, se a sociedade tem determinado aspecto, os juizes também o terão.

Ele vê com preocupação o fato de haver gente muito jovem assumindo a função de juiz, mas crê que não haja como resolver isso, pois o juiz só se aperfeiçoa julgando. No entanto, observa que a seleção deveria dar mais importância ao aspecto psicológico. “A universidade dá uma carga intelectual, cultural, dá a ciência, mas o julgar é uma arte, e nem todo mundo tem essa aptidão. A carga psicoemocional que o cidadão traz da sua própria existência é importante. Não adianta ser extremamente culto, mas recalcado. O aspecto mais importante para a carreira é de difícil aferição numa prova”.

Nepotismo

A atuação do Conselho Nacional de Justiça, na visão de Demeterco, é necessária, porque vários absurdos ocorriam no Judiciário brasileiro. Entretanto, ele gostaria que houvesse maior moderação em certos casos, citando como exemplo o nepotismo. No Paraná, a legislação permitia a nomeação de até dois parentes, o que se inspirava numa lei criada nos Estados Unidos no século 19. Hoje, houve uma radicalização, proibindo-se a nomeação de qualquer parente, o que muitas ve-



*Com Blima e Syja
Lorber, autores de
o livro “Catorze
Vidas de David” e
Antonio C. Coelho, no
lançamento da obra,
agosto de 2012.*

zes traz prejuízo para a administração pública, alega o desembargador, observando que há profissionais com notória capacidade para certos cargos que não podem ocupa-los por causa do radicalismo da lei atual.

De qualquer modo, o desembargador acredita que, dentro de suas contradições, o Brasil de hoje tem evoluído, embora muito devagar. Aponta como aspecto positivo na situação atual do país o respeito às instituições. E destaca como ponto negativo a dificuldade de se manter a vigilância nas enormes fronteiras nacionais com países onde há grande produção de drogas. Considera que a presidente Dilma Rousseff tem feito um governo inteligente, que mantém as instituições sem pressões e, mesmo quando não gosta de certas coisas, respeita as instituições, mantendo uma orientação correta – daí seu prestígio na opinião pública.

Responsabilidade

Embora fazendo questão de definir-se como “um

cidadão normal”, Antenor Demeterco Jr. vê na função de desembargador uma grande responsabilidade, natural no papel de quem julga atos de juizes. No exercício da função, já foi ameaçado de morte (fato comum, diz ele, para todos aqueles cujo trabalho mexe com interesses humanos), foi alvo de reclamações e requerimentos de suspeição – um deles, inclusive, tendo como alegação a sua coerência! Garante ter sempre enfrentado tudo com serenidade e buscando um resultado de justiça.

Para enfrentar a labuta diária, ele cultiva um hábito que adquiriu nos tempos de vida no interior: o chimarrão. Preparar a cuia e apreciar o mate à moda gaúcha lhe dá o momento de tranquilidade no dia, o que considera muito importante na vida agitada de hoje. Além disso, costuma fazer caminhadas regularmente e praticar pilates. Afora isso, seu tempo vago é ocupado sempre com leituras prazerosas. E, de vez em quando, alguma música, de seus gêneros e cantores preferidos: jazz, bolero, Nat King Cole, Frank Sinatra.

